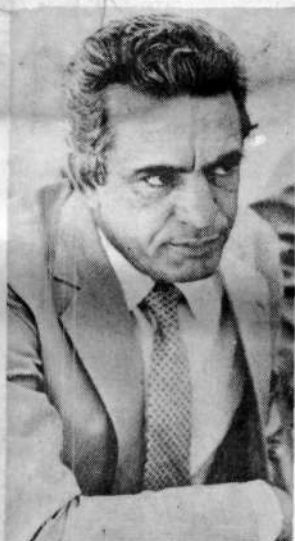


# Congresso vazio só reúne dez

Não mais que dez constituintes compareceram neste sábado ao Congresso Nacional — seis deles da Frente Parlamentar Nacionalista, mais conhecida como "Centrinho" ou "Grupo dos Sensatos", que trabalham em busca de um entendimento entre as correntes radicais da Constituinte. Os outros quatro estiveram reunidos separadamente no gabinete do senador Virgílio Távora (PDS/CE), todos participantes do Grupo dos 32 ou "Hércules".

Nada, porém, ficou definido em qualquer das reuniões. Apenas se soube, através do senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB/SP) e do deputado Pimenta da Veiga (PMDB/MG), que o "Centrinho" discutiu por cerca de duas horas os pontos referentes à Ordem Econômica e Financeira e que podem criar alguma polêmica entre "conservadores" e "progressistas".

O senador Nelson Carneiro (PMDB/RJ) também participou das discussões e ao final demonstrou confiança em que os 32 parlamentares do "Hércules" — tendo à frente os senadores Virgílio Távora e José Richa (PMDB/PR) — engrossassem as fileiras do "Centrinho".



Ivan Mendes, Iris Rezende, Costa Couto e Antonio Carlos: os que detêm confiança e apostam nos cinco anos

# Diminui time dos cinco anos

## Só alguns ministros e governadores ajudam Planalto

A. C. SCARTEZINI  
Especial para o CORREIO

Apenas alguns ministros e governadores estão nos planos do Planalto para o trabalho em conjunto na Constituinte, agora entrando na etapa final com as decisões do plenário. "A maioria dos ministros, além de não ajudar o Governo a carregar o plano, ainda se senta sobre ele para aumentar o peso", queixou-se, no meio da semana, um dos assessores, numa roda de conversa com o presidente Sarney.

A relação de carregadores de plano, exposta na conversa de começo de noite e fim de expediente no Planalto, n-ao incluía mais do que cinco ministros — entre eles dois de casa, os chefes do SNI, general Ivan Mendes, e do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto. Os outros três são políticos profissionais, todos testados em várias eleições em seus Estados: Iris Rezende, Antonio Carlos Magalhães e Prisco Viana.

A avaliação dos governadores não entrou na conversa, embora seus protagonistas ainda estivessem impressionados com a desenvoltura do fluminense Moreira Franco, que, na terça-feira, depois de uma audiência com Sarney, criticou duramente o seu Governo em entrevista coletiva no andar de baixo do Planalto.

Na entrevista, sustentou o governador do Rio que o fracasso da política econômica, inclusive na negociação da dívida externa, exige a eleição de um novo Presidente dentro de um ano. "O Moreira quer ser Presidente", desdenhou-se, posteriormente, a importância da posição de Moreira, com a mesma displicência que não anima o

Planalto a se articular com os governadores.

Na realidade, o Planalto, privado do apoio político da maioria dos ministros, sente-se embaraçado também em relação aos governadores dos maiores Estados. No caso do Rio, por exemplo, havia a idéia de se demitir o empresário Márcio Fortes da presidência do BNDES para punir o governador, mas a hipótese parece morta, como se explica no Planalto:

— O Márcio Fortes n-ao é do Moreira, mas de um sistema político que nem o governador do Rio comanda.

Demitir o presidente do BNDES, portanto, poderia ser uma afronta a um sistema independente que vai além do governador do segundo maior Estado. E, para não desarrumar esse sistema, o Planalto poupa Márcio Fortes. Para não correr o risco de desarrumar sistema algum, não se articula com os governadores. "Nenhum deles co-

manda toda a sua bancada na Constituinte", deprecia-se a importância dos governadores.

Nessa situação, no Planalto confia-se para valer em poucos governadores, entre os quais o goiano Henrique Santillo e o maranhense Epitácio Cafeteira governam os Estados mais importantes. Mas, entre os maiores Estados, como o Rio de Janeiro, não se confia nos governadores para uma articulação completa.

Ai, a avaliação começa pelo maior de todos, São Paulo, onde o governador Orestes Quêrcia recebe bem o presidente Sarney, mas com ele n-ao se compromete em Brasília. "O Quêrcia, um presidencialista notório, quer estar bem com todos", avalia-se a posição na qual o governador não fecha questão em assunto nenhum para n-ao correr o risco de desagradar a alguém.

Um exemplo disso é a posição de Quêrcia a favor de cinco anos de mandato a

Sarney na Presidência — mesmo porque gostaria de governar São Paulo mais um pouco antes de embarcar na aventura presidencial. Mas Quêrcia n-ao tenta conquistar nenhum voto a favor dos cinco anos entre os 559 constituintes.

A situação de São Paulo se assemelha à de Minas Gerais. O apoio federal está presente em todas as placas que o Governo de Minas espalha pelo seu território para anunciar as obras públicas. Mas, na Constituinte, não se observa alguma placa que mostre a presença em seus trabalhos do Governo estadual.

Mais aparente do que concreto é o apoio do governador Alvaro Dias no Paraná. Detectou o Planalto a existência de um grupo de 11 deputados na bancada paranaense — todos eles discretos, mas cada um senhor de seu voto — que poderiam se alinhar com o Governo federal na Constituinte, mas que est-ao desgarrados por falta de uma ação estadual.

Compreensivo, o Planalto observa que pouco pode fazer no Rio Grande do Sul o governador Pedro Simon, às voltas com crises profundas e sucessivas desde que mudou-se para o Palácio Piratini há nove meses. Os problemas locais não deixam a Simon tempo ou resistência alguma para observar o panorama brasileiro.

Mas de outros dois Estados importantes o Planalto não espera, definitivamente, coisa alguma. Em Pernambuco, sabe que Miguel Arraes prefere não se comprometer. Na Bahia de Waldir Pires, no entanto, choca-se com a publicidade do Governo estadual que apresenta como suas obras federais.



Prisco Viana: novo jogador no time